



ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 147p.

## **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS, DE GEORGE ORWELL: PERSPECTIVAS SOBRE AS RELAÇÕES DE PODER**

*Kayo Henriky Lima da Silva<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal da Paraíba*  
*(kayoriky@hotmail.com)*

*Josuel Belarmino de Oliveira<sup>2</sup>*  
*Universidade Federal da Paraíba*  
*(josuelbelar@hotmail.com)*

O romance *A revolução dos bichos*, do escritor inglês George Orwell (1903-1950), propalado no Brasil também pela editora Companhia das Letras, foi publicado pela primeira vez em 17 de agosto de 1945, no Reino Unido. O livro tece uma sátira à ditadura stalinista da extinta URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), que tinha como principal precursor Josef Stálin (1878-1953). De tom fabulístico, desde o seu lançamento o livro é interpretado como uma forte crítica ao período histórico no qual fora concebido, atribuindo aos animais de uma granja características humanas facilmente associáveis aos líderes do regime totalitário da URSS, o que inicialmente provocou a não aceitabilidade do texto para divulgação, embora saibamos que *A revolução dos bichos* continua sendo uma grande sátira aos governos atuais e seus respectivos líderes tiranos.

*A revolução dos bichos* (2007) narra os eventos acontecidos na Granja do Solar, localizada na Inglaterra, a qual tem como proprietário o Sr. Jones, além de alguns funcionários que auxiliam na sua manutenção. Como é característico de uma fábula, todos os animais da Granja falam, pensam e expressam reações e sentimentos diante das variadas situações vivenciadas no cotidiano da fazenda. Em uma noite, após o Sr. Jones ir dormir, os animais se reuniram no celeiro da Granja para ouvir o que Major tinha para dizer a respeito de um sonho que ele tivera. Major era um porco velho, porém sábio e benevolente, que vencera um concurso de exposição, comprovando a sua importância na comunidade dos bichos e o seu conceito intelectual diante dos outros animais. Major fala aos demais animais sobre

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é membro do GEAL – Grupo de Estudos em Antropologia Literária (UFPB/CNPq).

<sup>2</sup> Graduando em Letras (5º período) pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é membro do GEAL – Grupo de Estudos em Antropologia Literária (UFPB/CNPq).



como eles trabalham duro e produzem muito alimento para os humanos, e que apesar disso tudo, eles não escapam ao cutelo, ou seja, não escapam à morte. O Major deixa claro para todos os animais da Granja que o Homem (e não apenas o Sr. Jones) é o seu único e verdadeiro inimigo (ORWELL, 2007), pois ele, além de sobrecarregar os animais com trabalhos desgastantes e deixá-los com fome, ainda lhes tira a vida, sendo considerados, portanto, seres sem valor e sem importância, sem o direito de morrer naturalmente, o que nos permite concluir que até o direito a uma vida lhes é negado. Um trecho da fala de Major que corrobora com tudo o que ele indagava aos animais é: “O Homem é a única criatura que consome sem produzir [...]” (ORWELL, 2007, p. 12), o que revela o ápice de seu discurso para convencer a todos os animais de que uma rebelião seria um caminho inevitável às atuais gerações ou às vindouras.

Apesar da sabedoria, Major não tinha como saber quando tal rebelião aconteceria (ou se realmente aconteceria). Após o discurso e a faísca por ele lançada para uma possível rebelião dos bichos da Granja do Solar, ele contou sobre o sonho que tivera. Era um sonho sobre como seria o mundo quando o Homem desaparecesse dele. Nisso, Major se lembrou de uma canção que a sua mãe e outras porcas cantavam quando ele era um leitãozinho; a canção se chama *Bichos da Inglaterra* e foi rapidamente aprendida pelos animais. Ela incita a rebelião e prevê um mundo totalmente novo e livre para todos os animais.

Três noites após a reunião, o velho Major faleceu. Outros três porcos assumiram a posição de líder: Bola-de-Neve, Napoleão e Garganta. O texto informa que os porcos são reconhecidos por serem os bichos mais inteligentes, por isso recaiu sobre eles a responsabilidade de guiar e orientar os outros animais. Esses três porcos organizaram os ensinamentos do velho Major em um sistema de pensamento, ao qual foi dado o nome de Animalismo. De início, os animais relutaram em aceitar e compreender como seria a rebelião, mas também não lhe ficaram indiferentes. Certo dia, ao entardecer, os animais ainda não tinham sido alimentados e isso gerou revolta entre eles. Quando os homens foram verificar o que estava acontecendo, os animais atacaram o Sr. Jones e seus funcionários com tanta fúria que acabaram fugindo da Granja do Solar. E esse dia deu início à rebelião predita e prevista pelo velho Major. A canção *Bichos da Inglaterra* se tornou um marco histórico para a Granja do Solar e para os bichos, não apenas ante a rebelião, mas no que se sucedeu a ela.

Após assumir o controle e a organização da Granja, os porcos cobriram com tinta o nome GRANJA DO SOLAR, sobre o qual escreveram GRANJA DOS BICHOS, sendo esse o nome pelo qual passaria a se chamar a partir daquele momento. Além disso, explicaram ser possível resumir os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos, que são: 1. *Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo*; 2. *O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo*; 3. *Nenhum animal usará roupa*; 4. *Nenhum animal dormirá em cama*; 5. *Nenhum animal beberá álcool*; 6. *Nenhum animal matará outro animal*; 7. *Todos os animais são iguais*. (referência). Estes mandamentos serviriam como norteadores para uma vida justa e feliz a todos os animais, independente da espécie e do trabalho que desempenhavam na Granja. Os animais trabalhavam muito para manter a ordem da Granja e para o bem-estar de todos que nela viviam, ou seja, todos deveriam ser tratados em igualdade e respeito, e o bem realizado por um, melhoraria o ambiente no qual todos conviviam.



Algum tempo depois da rebelião, nas redondezas da Granja dos Bichos, todos já sabiam o que havia acontecido, bem como a situação do Sr. Jones, que piorava a cada dia. Os demais proprietários das fazendas vizinhas temiam o que poderia acontecer se seus animais também decidissem se rebelar. Os humanos tinham raiva do que acontecera e também da canção *Bichos da Inglaterra*, marco de um triunfo. Certo dia, o Sr. Jones e mais alguns homens das granjas vizinhas invadiram a Granja dos Bichos na tentativa de recuperá-la. Houve uma grande briga e confusão no pátio e no estábulo da Granja, onde Bola-de-Neve foi ferido com um tiro de raspão em seu dorso. Quando parecia que os animais perderam a luta, surge Sansão (um forte cavalo da Granja dos Bichos) e ataca os homens, obrigando-os a deixarem o local, amedrontados. Esse dia foi batizado de Batalha do Estábulo, “o lugar onde se armara a emboscada” (ORWELL, 2007, p. 40).

Após os eventos da Batalha do Estábulo, o porco Bola-de-Neve, muito aplicado, curioso e estudioso, propõe a construção de um moinho de vento, o que, segundo ele, beneficiaria a produção e o trabalho manual da Granja, poupando tempo e mão de obra no desenvolvimento das atividades diárias. Mas Napoleão, talvez com inveja pela aceitação que Bola-de-Neve tinha entre os outros animais e por sua sede de assumir o poder e o comando da Granja dos Bichos, montou um golpe para tirar Bola-de-Neve de cena. Neste ínterim, Napoleão criou nove cachorros em segredo desde recém-nascidos, que se tornaram cães grandes e ferozes, cegamente obedientes aos comandos de Napoleão. Os nove cães atacaram Bola-de-Neve, que para defender-se se viu obrigado a fugir da Granja dos Bichos, lugar para o qual nunca mais voltou.

Napoleão, então, assume o controle da Granja, pois nenhum outro se candidatara para essa função. Ele impõe mudanças na rotina da fazenda, provocando questionamentos nunca proferidos por causa dos cães que faziam a segurança de Napoleão e ameaçavam qualquer sinal de contrariedade ao que ele impusera. Além disso, Garganta, seu fiel aliado, sempre desacreditava tudo o que Bola-de-Neve fizera, semeando desconfiança e descrédito sobre a imagem dele. Assim, o moinho de vento, que era visto como algo revolucionário, teve seu projeto e execução tomados por Napoleão, como se ele fosse o real autor da ideia, talvez na tentativa de adquirir boa fama e aceitação entre os animais da Granja, pois intimamente os animais não acreditavam que Bola-de-Neve fosse um traidor. Garganta espalhará a notícia de que Bola-de-Neve era aliado do Sr. Jones na Batalha do Estábulo.

Os animais trabalhavam muito, principalmente na construção do moinho de vento, pois tanto trabalho se reverteria em benefício para si próprios. Certa noite houve uma tempestade que provocou espanto: ao amanhecer, os animais constataram que o moinho fora destruído. Napoleão, sem hesitar, acusou Bola-de-Neve pelo feito, e anunciou a reconstrução da obra. Após certo tempo e das mudanças implementadas, ficou claro que pouco a pouco, Napoleão impusera sua liderança totalitária e privada de liberdade a toda a Granja dos Bichos. Até os Sete Mandamentos foram convencidos e distorcidos para justificar as ações executadas sob a ordem de Napoleão.



Após algum tempo, a Granja dos Bichos fora atacada novamente, mas dessa vez, com um ataque executado por Frederick, da Granja Foxwood, vizinha à Granja dos Bichos. A luta foi caracterizada como mais violenta e difícil, pois houve mais feridos ao seu término. Os homens colocaram explosivos no moinho de vento, fazendo-o ruir, novamente. Apesar disso, após os cães de Napoleão cercarem os homens de Foxwood, eles recuaram, com medo, cedendo a vitória à Granja dos Bichos e, mais uma vez, obrigando os animais a trabalharem em uma nova construção do moinho. Essa luta foi proclamada de Batalha do Moinho de Vento, concluindo, então, as duas batalhas descritas n'*A revolução dos bichos*. Ao final da narrativa, alguns animais morrem, o moinho finalmente entra em funcionamento e a Granja vai bem, organizada e próspera. Em um dia qualquer algo chamou a atenção dos animais: o porco Garganta estava andando apoiado apenas em suas duas pernas traseiras, como se fosse um homem. Esse comportamento assustou os animais, ao passo que isso foi justificado pelo único mandamento válido na Granja após a ascensão de Napoleão: "TODOS OS BICHOS SÃO IGUAIS, MAS ALGUNS BICHOS SÃO MAIS IGUAIS QUE OUTROS" (ORWELL, 2007, p. 106), perpetuando a hierarquia, a classe social e as diferenças existentes até entre os próprios animais, sendo-lhes isso extremamente chocante, pois o que os animais mais temiam era que os costumes e a forma de viver do homem fossem incorporados ao estilo de vida dos animais. A consciência deles era clara sobre isso: nunca viver como homem, pois ele era o único e verdadeiro inimigo, além de ter sido contra ele que, por duas vezes, os animais entraram em conflito, para não se sujeitarem à desgraça da privação de suas vidas e aos domínios abusivos de seus antigos donos humanos. A história conclui com uma festa realizada na casa grande da Granja dos Bichos, na qual os participantes eram os porcos e os vizinhos humanos, até que não foi mais possível distinguir o homem do porco e vice-versa.

Em nossas análises enfatizamos os aspectos que serão abordados adiante. Primeiramente, consideramos o livro inteiro é genial enquanto fábula moderna. A narrativa, segundo a nossa concepção, é perfeita, bem como todos os personagens e as suas ações são descritos com quase imparcialidade, permitindo caminhos para várias interpretações. Acreditamos que a discussão política impressa na força ilocucionária do texto também é altamente válida, por isso consagrou o livro como clássico da literatura. Para assimilarmos o conteúdo e o contexto da narrativa, nos apoiamos no sentido imposto pela ditadura e pela "ameaça vermelha", que é como era chamada a propagação do medo do comunismo no Brasil durante a ditadura militar de 1964.

Assim, temos expectativas de que o livro seja muito forte nesse sentido, porque percebemos, nos porcos, as piores atitudes humanas, através das quais sempre a classe social mais privilegiada vai subjugar a menos privilegiada para o seu proveito próprio. E isso percebemos passo a passo no decorrer da leitura: os porcos, através de corrupção, mentira e opressão, colocaram todos os outros animais sob seu comando para poderem gozar de todo o luxo e conforto (os quais, a princípio, os animais eram absolutamente contra), assim como os humanos reproduzem até hoje. Consideramos, portanto, uma leitura obrigatória para a vida.



Concordamos também que ainda sendo uma história sem relação com o período ditatorial promulgado por Stalin, é muito bem construída desde os cenários da granja até os personagens, respeitando a caracterização dos respectivos animais que cada um representa. Acreditamos que quem já esteve em um sítio consegue elaborar bem as imagens e situações ao longo da narrativa. Uma das partes mais emocionantes é quando o cavalo Sansão foi levado para o matadouro, momento no qual Garganta (fiel aliado de Napoleão) ainda consegue convencer a todos de que estava sendo levado para o hospital. Compreendemos que essa cena carrega todo o sentido cruel da ditadura. Aquele cavalo, que era um dos mais fiéis trabalhadores da Granja dos Bichos, é posto para o descarte. Apesar da ignorância intelectual, que era uma característica desse personagem, ele consegue cativar, por sua força e determinação em contribuir com a construção do moinho de vento, trabalho árduo que beneficiaria toda a Granja. É uma morte triste, porque ele fora fiel até o fim e permaneceu na ignorância. Mas havia ali, naquele lugar, outra alternativa ao não pensar?

Podemos também perceber vários aspectos relativos ao desenvolvimento da trama através das ações dos porcos: corrupção, controle, opressão, assassinato e totalitarismo. Por exemplo, quando Napoleão e os porcos alteram todos os mandamentos, fazem de Bola-de-Neve inimigo desde o princípio e falam mentiras para que eles possam usufruir de toda a riqueza da fazenda, enquanto os animais ficam abandonados, famintos e escravizados. É incrível como tudo foi sendo implementado para desconstruir os princípios que provocaram A Rebelião. De pouquinho em pouquinho tudo foi sendo desfeito, desacreditado e descreditado para que, disfarçadamente, as novas imposições fossem aceites sem nenhum questionamento (que depois foi impedido pela ameaça constante dos cães que Napoleão utilizava como segurança).

Nós também apreciamos como as relações de poder são elaboradas. É possível pensarmos na hierarquia que o porco ocupa, porque, segundo a narrativa, são os animais mais inteligentes. Mas algo chamou a nossa atenção: os porcos, como bem sabemos, normalmente, vivem em chiqueiros e são alimentados com lavagem (mistura de vários vegetais e sobras de outros alimentos). *Como poderiam, então, serem tão superiores?* Pensando no porco como animal, a sua carne é muito utilizada em alimentos do nosso dia a dia e em churrascos. As pessoas costumam apreciar a carne de porco, embora saibamos que essa carne pode provocar doenças no ser humano. Nós enfatizamos, com essa reflexão, a genialidade de George Orwell ao dar ao porco a função de alguém tão importante, persuasivo e atraente aos olhares mais comuns e simplórios, representados pelos demais animais da Granja do Solar (ou Granja dos Bichos).

Apesar de tudo, não conseguimos sentir raiva do personagem Napoleão, embora tenhamos compaixão pelos outros animais. Ficamos muito tristes, principalmente, na parte da Mimoso (a égua), para a qual é dedicado um parágrafo inteiro sobre seus pensamentos: como ela imaginava que seria diferente após a revolução; como ela sentia que naquele momento tudo era melhor que no tempo do Sr. Jones (o fazendeiro), mas ainda assim não era o mundo pelo qual vinham lutando.



Em vários momentos do texto era mencionado que, apesar de trabalharem como escravos, passarem fome e frio cada vez piores, os animais estavam satisfeitos por não terem um humano no poder, por estarem trabalhando em benefício próprio e por pertencerem à famosa e temida Granja dos Bichos. Tudo isso se resume em uma palavra: *conformação*. Os bichos se conformaram com aquela situação, e por não serem tão fortes e corajosos fisicamente, não tinham muito que fazer. Além da iminente ameaça dos cães de guarda de Napoleão.

Em alguns momentos, também lemos que alguns animais reclamavam em secreto, pois não estavam felizes com as decisões tomadas na Granja. É muito triste ver que os outros animais, por não terem outras fontes de informação, sempre eram obrigados a aceitar as mentiras dos porcos como verdade, o que define a relação entre o opressor *versus* o oprimido. Acreditamos também que foi muito cruel o fato de eles alterarem um por um dos Sete Mandamentos, para permitirem o privilégio e a soberania dos porcos. E sem alguém para fiscalizar, eles continuam abusando da opressão sobre os animais, que casualmente não sabiam ler e escrever, fator preponderante para deter o domínio intelectual entre os porcos. Além de isto ser muito difícil, o fato de proibirem a canção *Bichos da Inglaterra* também foi chocante para nós; entendemos o episódio como o ápice da repressão. Outro aspecto relevante destacado em nossas análises, que consta no fim do livro, foi o de que os únicos animais que têm acesso à escola são os porcos, que são da linhagem de Napoleão, ressaltando a questão das diferenças entre as classes sociais e os privilégios erroneamente praticados como direito garantido apenas aos mais favorecidos ou àqueles que detêm o poder ou alguma parte dele.

## Referências

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 147p.

Aprovado em: 30/03/2021

Recebido em: 21/04/2021